

Universidades Lusíada

Mendes, Leandra Silva
Dias, Maria da Luz Vale

**Estilos educativos parentais, confiança
interpessoal e vinculação aos pais, pares e
par amoroso : sua relação numa amostra de
adolescentes**

<http://hdl.handle.net/11067/4788>
<https://doi.org/10.34628/ps3x-vf76>

Metadados

Data de Publicação

2018

Resumo

A presente investigação teve como objetivo principal estudar a relação entre os Estilos Educativos Parentais, a Confiança Interpessoal e a Vinculação aos Pais, Pares e Par Amoroso no período da Adolescência. Considerou-se também oportuno analisar os Estilos Educativos Parentais tendo em atenção diversas variáveis sociobiográficas (idade, género, nível socioeconómico e estado civil parental) e ainda estudar a relação entre a duração da relação amorosa dos adolescentes, os Estilos Educativos e a C...

This investigation seeks to study the relationship between Parental Educational Styles, Interpersonal Trust, and the Attachment to Parents, Peers and to the Loving Couple in the period of Adolescence. It was also considered appropriate to analyse the Parental Education Styles considering several sociobiographical variables (age, gender, socioeconomic status and parental marital status) and to study the relationship between the duration of the loving relationship of the adolescents, the Educati...

Palavras Chave

Parentalidade, Responsabilidade dos pais - Aspectos psicológicos, Comportamento de vinculação

Tipo

article

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULL-IPCE] RPCA, v. 09, n. 2 (2018)

**ESTILOS EDUCATIVOS PARENTAIS, CONFIANÇA
INTERPESSOAL E VINCULAÇÃO AOS PAIS,
PARES E PAR AMOROSO:
SUA RELAÇÃO NUMA AMOSTRA DE ADOLESCENTES**

Leandra Silva Mendes

Maria da Luz Vale Dias

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Portugal;
Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social

Resumo: A presente investigação teve como objetivo principal estudar a relação entre os Estilos Educativos Parentais, a Confiança Interpessoal e a Vinculação aos Pais, Pares e Par Amoroso no período da Adolescência. Considerou-se também oportuno analisar os Estilos Educativos Parentais tendo em atenção diversas variáveis sociobiográficas (idade, género, nível socioeconómico e estado civil parental) e ainda estudar a relação entre a duração da relação amorosa dos adolescentes, os Estilos Educativos e a Confiança Interpessoal. A amostra foi constituída por 170 adolescentes, com idades entre os 12 e os 17 anos. Na recolha de dados foram utilizados: um questionário sociobiográfico; a escala de Crenças Generalizadas de Confiança – Adolescência; a Escala de Estilos Educativos Parentais; o Inventário de Vinculação na Adolescência; e o Questionário de Vinculação Amorosa. Os resultados permitiram constatar a existência de associações positivas significativas entre os Estilos Educativos Parentais e a Vinculação aos Pais, Pares, Par Amoroso e Confiança Interpessoal. Verificou-se que os Estilos Educativos Parentais diferem em função da idade, mas não apresentam diferenças significativas em função do género, nível socioeconómico e estado civil parental. Constatou-se ainda a não existência de uma associação significativa entre a duração da relação amorosa dos adolescentes, os Estilos Educativos e a Confiança Interpessoal. Em conclusão, sublinha-se a importância dos estilos educativos percebidos durante a adolescência.

Palavras-chave: Estilos educativos parentais, Vinculação aos pais, Vinculação aos pares, Vinculação ao par amoroso, Confiança interpessoal.

Abstract: This investigation seeks to study the relationship between Parental Educational Styles, Interpersonal Trust, and the Attachment to Parents, Peers and to the Loving Couple in the period of Adolescence. It was also considered appropriate to analyse the Parental Education Styles considering several sociobiographical variables (age, gender, socioeconomic status and parental marital status) and to study the relationship between the duration of the loving relationship of the adolescents, the Educational Styles and the Interpersonal Trust. The sample consists of 170 adolescents, aged between 12 and 17 years. Data collection was made using the following instruments: Sociobiographic Questionnaire; the Parental Educational Styles Scale; the Generalized Trust Beliefs Scale-Late Adolescents; the Inventory of Parent and Peer Attachment; and the Romantic Attachment Questionnaire. The results show significant positive associations between Parental Educational Styles and the Parents, Peers and Romantic Attachment, as well as with Interpersonal Trust. Furthermore, it was found that the Parental Educational Styles differ according to the age, but do not present differences according to the gender, socioeconomic level and marital status of the parents. It has also been found that there is no significant association between the duration of a relationship between adolescents, Educational Styles and Interper-

sonal Trust. In conclusion, the importance of perceived educational styles during adolescence is underlined.

Keywords: Parental educational styles, Parents attachment, Peers attachment, Romantic attachment, Interpersonal trust.

Introdução

A família é maioritariamente o primeiro contexto social em que os indivíduos se inserem, bem como aquele no qual permanecem mais tempo, possuindo uma grande importância no desenvolvimento do indivíduo (Barros de Oliveira, 1994), incluindo o seu funcionamento social. A família esteve sempre presente ao longo da evolução das sociedades, não se tratando apenas de uma representação moderna. Contudo, a definição do termo e a sua conceptualização têm vindo a ser ajustados ao longo do tempo, tendo já passado por várias alterações (Bayle & Martinet, 2008). Neste sentido pode ser definida como um “conjunto de pessoas que vivem (geralmente) juntas, entre as quais existem, de modo repetitivo, interações circulares (isto é, os comportamentos de um membro afetam todos os outros)” (Relvas, 1982, p.317). Com efeito, merece destaque “o contributo das primeiras relações humanas, particularmente no seio da família, para um funcionamento social ajustado ao longo do desenvolvimento dos indivíduos” (Morgado, Vale Dias, & Paixão, 2013, p. 131), sendo que essas primeiras relações humanas “contribuem para a elaboração dos seus primeiros esquemas sócio-afectivos dos quais resultam os protótipos das relações sociais” (Haro, 2000, p. 23, cit. por Morgado, Vale Dias, & Paixão, 2013, p. 131). Na família, criam-se laços afetivos reconhecidos como essenciais para o desenvolvimento humano e construção das suas bases de confiança.

Neste contexto, várias investigações têm destacado a importância da educação parental e o seu impacto no desenvolvimento das crianças (Mondin, 2008). Existem, ainda, outras variáveis que se têm revelado interessantes em termos do seu impacto desenvolvimental, quer pessoal quer social, entre as quais merecem importante referência a vinculação (Ainsworth & Bowlby, 1991) e a confiança interpessoal (Rotenberg, 2001, Rotenberg, 2010), que se estendem para além do contexto familiar e a diversos alvos (Ainsworth, 1989; Rotenberg, 2010).

No âmbito da educação parental, a abordagem mais comum passa pela análise dos Estilos Educativos Parentais, os quais podem ser definidos por um “padrão de comportamento dos pais, expresso num clima emocional criado pelo conjunto das suas atitudes, como as práticas disciplinares e outros aspetos da sua interação com os filhos” (Darling & Steinberg, 1993). Os modelos de Schaefer (1959, 1961, cit. por Fleming, 1993; Barros de Oliveira, 1994; Barros, 1996) e de

Baumrind (1971, cit. por Barros de Oliveira, 1994) são aqueles que orientam a maioria das investigações neste campo. O modelo de Schaefer propõe dois binómios: Amor *vs.* Hostilidade e Autonomia *vs.* Controlo. O fator Amor, contrário à Hostilidade, está relacionado com a percepção que os filhos têm das figuras parentais enquanto figuras afetuosas e calorosas, isto é, interessadas pelo bem-estar dos filhos, pelas suas necessidades, revelando entusiasmo pelas suas realizações e preocupação perante os seus estados emocionais (Martinho, 2010; Vale Dias, Martinho, Franco-Borges, & Vaz-Rebello, 2012). O fator Autonomia, oposto ao Controlo, está relacionado com o predomínio do diálogo, compreensão, liberdade, sinceridade, tolerância e alegria (Vale Dias, Martinho, Franco-Borges, & Vaz-Rebello, 2010). Segundo Baumrind (2005), através da combinação daqueles dois binómios, é possível descrever a tipologia dos estilos educativos parentais: Permissivo, Autoritário, Autoritativo e Negligente. O estilo autoritativo promove a internalização das normas parentais, sendo que os pais autoritativos promovem o diálogo e exigem o respeito pelas regras, contudo, estas podem sofrer alterações. Além disso, este tipo de pais estimula a partilha de sentimentos e de afetos, mas exercem controlo e disciplina (Baumrind 1973, 1983 cit Barros de Oliveira, 1996). No estilo permissivo existe uma ausência de normas estipuladas, mas os pais toleram e aceitam os impulsos das crianças. Em situações de descontrolo os pais podem exercer violência, mas não utilizam o poder para atingir os seus objetivos. O estilo autoritário caracteriza-se por um excesso de controlo parental, em que os pais são detentores do poder da decisão e moldam o comportamento dos filhos de acordo com normas absolutas e inquestionáveis. Neste cenário, os pais tendem a recorrer à punição quando são confrontados com comportamentos de independência e rebeldia (Barros de Oliveira, 1996). Por último, o estilo negligente é caracterizado pela não exigência de responsabilidade aos filhos e pela não promoção de independência destes (Barros de Oliveira, 1996). Os pais negligentes não transmitem os estímulos afetivos necessários aos filhos, pelo que recorrem a castigos quando o seu comodismo é perturbado. É consensual que o estilo autoritativo é aquele que mais se associa ao sentido de responsabilidade social, cooperação e amizade (Conboy, 2008), assim como a níveis mais elevados de confiança, autoestima, competência social, autocontrolo (Hidalgo, & Palacios, 2004), responsabilidade, autoconfiança, adaptação, criatividade, curiosidade, sucesso escolar e aptidões sociais (Steinberg, & Silk, 2002). Seguindo as investigações de Baumrind (1971, 1973), os estilos educativos parentais variam consoante o género do filho. Deste modo, o estilo autoritativo favorece mais as raparigas, tornando-as mais confiantes, independentes e responsáveis, não deixando de ser, também, favorável aos rapazes (Baumrind, 1973; Maccoby & Martin, 1983 cit in Barros de Oliveira, 1994). Por sua vez, o estilo permissivo tende a prejudicar mais os rapazes, precisamente quando se verifica um excesso de liberdade (Baumrind, 1971, 1973; Maccoby & Martin, 1983 cit in Barros de Oliveira, 1994). Os rapazes

tornam-se independentes, mas não se confrontam com a obediência às normas sociais, pelo que se tornam irresponsáveis (Barros de Oliveira, 1994). Os pais autoritários prejudicam também os rapazes, levando a comportamentos de timidez ou desinteresse, ao passo que sob este estilo as raparigas se tornam mais facilmente conformistas e dependentes (Barros de Oliveira, 1994). O estilo educativo negligente prejudica principalmente as raparigas, sobretudo devido à falta de afeto, enquanto os rapazes sentem mais a falta de autoridade (Barros de Oliveira, 1994). A literatura indica que os Estilos Educativos Parentais variam consoante o nível socioeconómico da família, idade e género dos filhos e também o estado civil dos pais. Assim, indivíduos inseridos num nível socioeconómico mais baixo educam de forma mais autoritária e rígida, recorrendo constantemente à punição, daí que os rapazes tendem a ser controlados até mais tarde e as raparigas, por norma, são sistematicamente reprimidas (Barros de Oliveira, 1994). Já nos níveis socioeconómicos mais altos existe a concessão de uma maior autonomia (Barros de Oliveira, 1994). Como tal, os pais facultam mais autonomia aos filhos à medida que estes crescem e distinguem, de forma progressiva, cada vez menos os filhos das filhas (Barros de Oliveira, 1994). Existem ainda outras variáveis que podem influenciar o comportamento parental. O stresse e o divórcio, por exemplo, induzem a mudanças no comportamento, levando a que os pais se tornem mais ansiosos e depressivos, diminuindo simultaneamente as exigências e o afeto para com os filhos (Barros de Oliveira, 1994). Importa também realçar que as práticas educativas não devem ser analisadas numa perspetiva fechada, tendo em conta os vários sistemas que interferem com a família (Barros de Oliveira, 1994).

A palavra Vinculação tem origem no termo latino *vinculum*, que, numa das suas aceções, se traduz num laço, numa ligação ou relação com o outro (Bayle, 2008). A Teoria da Vinculação (Ainsworth, & Bowlby, 1991) permite conceptualizar a propensão dos seres humanos para estabelecer laços afetivos com outros particulares ou figuras de referência (Bowlby, 1969, 1973). Dado que o ser humano necessita de estabelecer relações estáveis e significativas ao longo da vida para atingir um desenvolvimento harmonioso, a vinculação assume especial relevância, implicando qualquer comportamento que possibilite ao indivíduo ficar próximo das figuras pelas quais demonstra preferência (Ainsworth, & Bowlby, 1991). A relação de vinculação constrói-se progressivamente e, ao contrário das outras relações sociais, implica uma procura de proximidade, uma noção de base de segurança, de comportamento de refúgio e reações perante a separação. Evoluindo durante a infância, é sobretudo a partir da fase da adolescência que o sistema de vinculação está sujeito a variações mais notórias, em virtude das alterações que ocorrem na relação dos jovens com os pais e com os seus pares (Atger, 2004). Com o desenvolvimento de novas capacidades e estratégias integradas de vinculação o adolescente aumenta a diferenciação de si e do outro (Atger, 2004). Por conseguinte, começa a comparar diversas figuras de vinculação com

possíveis ideais: os jovens percebem que os pais podem falhar nas respostas às necessidades de vinculação e imaginam que outras relações poderiam satisfazer essas necessidades (Atger, 2004). É neste período que as relações de vinculação com os pais sofrem as primeiras e mais profundas alterações (Jongenelen, Carvalho, Mendes, & Soares, 2009). Segundo Collins e Steiber (2010), no que concerne as relações com os pares, estas tornar-se-ão mais fortes consoante a intimidade, reciprocidade, proximidade e o nível de ligação emocional (Faria, Lima, & Soares, 2013). Neste período, como já foi constatado, ocorre uma transferência das funções de vinculação dos pais para os pares, ou de forma mais seletiva para os companheiros amorosos (Hazan & Zeifman, 1994). Numa fase inicial as relações amorosas servem as necessidades sexuais e de afiliação, mas com a trajetória desenvolvimental as relações amorosas tornam-se mais estáveis e satisfazem as necessidades de suporte e vinculação, sendo que o(a) companheiro(a) tem um maior destaque na hierarquia de vinculação (Scharf & Mayseless, 2007). Efetivamente, numa fase mais avançada da adolescência as relações românticas enveredam pela partilha, intimidade, mutualidade e necessidade de ligação emocional ao outro (Costa, 2004). Segundo Ainsworth (1982) na fase final da adolescência as relações amorosas já possuem algumas das características das relações de vinculação-procura de proximidade e protesto face à separação. A propósito do período da adolescência, Bowlby (1969, 1973, 1980) defendeu que a qualidade das relações que os adolescentes estabelecem com os pares e par amoroso está dependente da qualidade das primeiras relações com figuras de vinculação, mais precisamente os pais.

De acordo com a Teoria Psicossocial de Erikson (1963), o período inicial, da confiança básica vs. desconfiança, cujo desenvolvimento depende da prestação de cuidados que o indivíduo recebe, é o estágio com maior impacto no desenvolvimento das crianças, uma vez que vai afetar a longo prazo o seu comportamento social (Rotenberg, 2010). Também Bowlby (1979) salienta a importância da confiança entre a criança e o cuidador como uma base na criação do vínculo. Segundo Rotter (1967, p.652 citado em Rotenberg, 2010), a confiança pode ser definida como *“an expectancy held by an individual or group that the word, promise, or written statement of another individual or group can be relied upon”*. A Confiança Interpessoal trata-se de um conceito complexo que desperta cada vez mais a atenção dos investigadores, uma vez que é fundamental para o desenvolvimento de uma personalidade saudável, para o estabelecimento de relações familiares equilibradas ou, ainda, para o desenvolvimento sócio emocional e interpessoal (Rotenberg, 2010). Tendo como referência os principais desenvolvimentos nestas áreas de investigação, a presente pesquisa pretendeu estudar a relação entre os constructos salientados, na adolescência, através da seguinte hipóteses: (1) Existe uma relação de associação entre os Estilos Educativos Parentais, a Vinculação aos Pais, Pares, Par Amoroso e a Confiança Interpessoal; (2) Existem diferenças

estatisticamente significativas nos Estilos Educativos em função de: a) idade b) género c) nível socioeconómico e d) estado civil parental; (3) Existe uma relação de associação entre o tempo de duração da relação amorosa dos adolescentes, os Estilos Educativos Parentais e a Confiança Interpessoal no Par Amoroso.

Metodologia

Amostra

A presente investigação tratou-se de um estudo transversal e correlacional, que obteve dados junto de adolescentes da população geral, de ambos os sexos, entre os 12 e 18 anos de idade. A amostra, ocasional e não representativa, era constituída inicialmente por 181 sujeitos, dos quais foram excluídos 11 por não terem preenchido 10% ou mais de algum dos instrumentos da investigação (Bryman & Cramer, 1994). Como tal, a amostra total final é constituída por 170 inquiridos, com idades entre os 12 e os 17 anos, sendo a média de idades 14.14 anos ($DP= 1.71$). Em relação ao género dos sujeitos participantes na investigação, 106 são do género feminino (62.4%) e 64 do género masculino (37.6%). Dos adolescentes inquiridos, 17 (10%) frequentavam o 6º ano, 36 (21.2%) o 7ºano, 35 (20.6%) o 8º ano, 31 (18.2%) o 9º ano, 29 (17.1%) o 10º ano, 16 (9.4%) o 11ºano e 6 (3.5 %) frequentavam o 12º ano.

Instrumento

Atendendo aos objetivos da investigação, foi aplicado aos adolescentes um questionário sociobiográfico, juntamente com os instrumentos de avaliação a seguir descritos. A) A escala de *Crenças Generalizadas de Confiança-Adolescência* (CGC-A, adaptação portuguesa de Vale-Dias & Franco-Borges, 2014) está disponível nas versões masculina e feminina, originalmente desenvolvidas por Randall, Rotenberg, Totenhagen, Rock e Harmon (2010). Cada versão é constituída por 30 itens que avaliam as crenças generalizadas de confiança relativas a cinco alvos (mãe, pai, professores, pares e par amoroso), em relação a três bases da confiança, integrantes do modelo de confiança interpessoal de Rotenberg: Fidelidade, Confiança Emocional e Honestidade (Randall, Rotenberg, Totenhagen, Rock, & Harmon, 2010). Nos itens é pedido aos adolescentes que imaginem se os comportamentos e expetativas envolvidos em cada uma das situações apresentadas são ou não prováveis. A escala de resposta é tipo *Likert* com cinco alternativas, de “Nada provável” a “Muito provável”. No presente estudo, os coeficientes do *alfa de Cronbach* para as dimensões variam entre 0.56 para a base Fidelidade, valor considerado inaceitável, 0.62 para a Confiança Emocional, e 0.69 para a Ho-

nestidade. Contudo, o total da CGC-A apresenta um resultado bom ($\alpha=.81$), pelo que as análises se centrarão no total de confiança. B) A *Escala de Estilos Educativos Parentais – Versão para Filhos* (EEEP, Barros de Oliveira, 1994) tem como objetivo avaliar um conjunto de comportamentos e atitudes, cognitivos ou afetivos, percebidos pelos filhos, na prática parental. A escala é composta por 22 itens e é possível responder com 5 possibilidades de resposta, desde “totalmente em desacordo” até “totalmente de acordo”. A EEEP está dividida em dois fatores segundo o modelo de Schaefer: a Autonomia ($\alpha=.91$) e o Amor ($\alpha=.89$). C) O *Inventário de Vinculação na Adolescência-IPPA* (Armsden & Greenberg, 1987; versão portuguesa de Neves, Soares e Silva, 1999), originalmente designado *Inventory of Parent and Peer Attachment*, pretende avaliar a qualidade da vinculação dos adolescentes à mãe, pai e pares, nomeadamente as dimensões comportamentais, cognitivas e afetivas. É constituído por 75 itens, distribuídos de forma equitativa pela figura materna, paterna e pelos amigos. Cada escala é composta por 3 fatores: Confiança; Comunicação; e Alienação. A escala de resposta tem 5 opções, desde “Nunca ou quase nunca” a “Sempre ou quase sempre”. Neste estudo, os coeficientes do *alpha de Cronbach* foram elevados – 0.91, 0.94 e 0.91, respetivamente, para as escalas Mãe, Pai e Amigos. D) O *Questionário de Vinculação Amorosa para Adolescentes*, versão reduzida (QVA-versão reduzida, Matos, Cabral, & Costa, 2008), tem como objetivo avaliar a relação amorosa do adolescente numa perspetiva de vinculação. Apresenta 25 itens divididos por quatro dimensões: Confiança (6 itens), Dependência (6 itens), Evitamento (6 itens) e Ambivalência (7 itens). As respostas são dadas numa escala tipo *Likert* de 6 pontos, desde “Discordo Totalmente” a “Concordo totalmente”. Os coeficientes do *alpha de Cronbach* no presente estudo foram 0.80, 0.78, 0.73 e 0.77, respetivamente, para as dimensões Confiança, Dependência, Evitamento e Ambivalência, sendo o primeiro um bom valor e os restantes razoáveis.

Procedimento

Os questionários obtidos para o presente estudo foram disponibilizados em suporte papel e preenchidos pessoalmente pelos adolescentes, de forma anónima, em casa ($n=112$) ou em contexto de sala de aula ($n=58$), após o consentimento informado dos pais/encarregados de educação e concordância de colaboração pelos adolescentes. A recolha de dados decorreu entre os meses de abril e julho de 2017.

Resultados

Na apresentação de resultados, seguiremos a análise relativa a cada uma das hipóteses. A normalidade de cada escala foi testada com o Teste de Kolmo-

gorov-Smirnov, concluindo-se que as variáveis não seguem uma distribuição normal ($p < .05$), exceto o fator Comunicação na escala de vinculação à mãe ($p = 0.06$). Assim, optou-se pelos testes não paramétricos. Para averiguar a existência de relações entre as variáveis utilizou-se o Coeficiente de Correlação de Spearman e para apurar as diferenças dos Estilos educativos em função da idade, género, nível socioeconómico e estado civil dos pais utilizou-se o teste de *U de Mann-Whitney* para duas amostras independentes.

Hipótese 1

Os Estilos Educativos Parentais (fatores Autonomia e Amor da EEEP) apresentam uma associação significativa positiva elevada com a Vinculação Total à Mãe-IPPA [fator Amor ($r = 0,626$, $p = 0,003$), fator Autonomia ($r = 0,662$, $p = 0,002$)] e uma associação também significativa, positiva e elevada com a Vinculação Total ao Pai-IPPA [fator Amor ($r = 0,588$, $p = 0,004$), fator Autonomia ($r = 0,595$, $p = 0,003$)]. São ainda de registar interessantes correlações significativas (com r a oscilar entre 0,568 e 0,697, $p < 0,01$) entre os fatores da EEEP e os fatores do IPPA Confiança e Comunicação, das subescalas materna e paterna. Em relação aos Pares, os Estilos Educativos Parentais, considerando os seus dois fatores, apresentam uma relação significativa positiva moderada com a Vinculação Total aos pares-IPPA [fator Amor ($r = 0,323$, $p = 0,008$); fator Autonomia ($r = 0,413$, $p = 0,006$)]. Os fatores Amor e Autonomia (EEEP) apresentam ainda uma associação positiva, moderada e significativa com a Confiança nos pares-IPPA [fator Amor ($r = 0,369$, $p = 0,005$); fator Autonomia ($r = 0,437$, $p = 0,004$)]. Relativamente à Comunicação com os pares-IPPA, o fator Amor apresenta uma correlação fraca, mas significativa ($r = 0,294$, $p = 0,009$), enquanto se verifica uma associação média significativa com a Autonomia ($r = 0,360$, $p = 0,004$). No que concerne à Vinculação ao Par Amoroso (QVA), os Estilos Educativos Parentais apresentam uma associação significativa moderada com a Confiança nesse par [fator Amor ($r = 0,351$, $p = 0,003$), fator Autonomia ($r = 0,386$, $p = 0,007$)]. O fator Autonomia apresenta uma correlação significativa positiva fraca com a Dependência ($r = 0,209$, $p = 0,006$) e o fator Amor uma associação significativa negativa fraca com a Ambivalência em relação ao Par Amoroso ($r = -0,175$, $p = 0,022$). Quanto à associação entre os Estilos Educativos Parentais e a Confiança Interpessoal (CGC-A), apenas o fator Autonomia apresenta uma relação significativa, positiva e fraca, com a Confiança Interpessoal Total ($r = 0,163$, $p = 0,033$).

Hipótese 2

a) Estilos Educativos consoante a idade

Tabela 1. Estatísticas do teste *U* de Mann-Whitney para a variável Estilos Educativos Parentais (fatores: Autonomia e Amor)

	Idade	N	Média	Desvio-Padrão	U de Mann-Whitney	Z	P
Autonomia	12-14	103	56.46	8.410	2618.5	-2.655	.008
	15-17	67	52.60	10.31			
Amor	12-14	103	36.28	3.89	2614	-2.684	.007
	15-17	67	34	5.90			

Na análise do teste *U* de Mann-Whitney para idade, verificou-se que existem diferenças estatisticamente significativas para os dois grupos etários, tanto na Autonomia como no Amor percebido pelos adolescentes (*U* de Mann-Whitney = 2618.5; $z = -2.655$; $p = .008$ e *U* de Mann-Whitney = 2614; $z = -2.684$; $p = .007$, respetivamente), pois o valor $p > .05$ (cf. Tabela 1). Conclui-se que a perceção dos adolescentes acerca dos Estilos Educativos Parentais apresenta diferenças significativas em função da idade, sendo que os mais novos pontuam mais alto (cf. Tabela 1)

b) Estilos Educativos consoante o género

Tabela 2. Estatísticas do teste *U* de Mann-Whitney para a variável Estilos Educativos Parentais (fatores: Autonomia e Amor)

	Estado civil dos pais	N	Média	Desvio-Padrão	U de Mann-Whitney	Z	P
Autonomia	Feminino	106	55.32	9.18	3211	-.583	.560
	Masculino	64	54.30	9.71			
Amor	Feminino	106	35.74	4.49	3005.5	-1.248	.212
	Masculino	64	34.80	5.47			

Na análise do teste *U* de Mann-Whitney para a variável género dos adolescentes, ao nível da autonomia e amor verifica-se um nível de significância $p > .05$ (*U* de Mann-Whitney = 3211; $z = -0.583$; $p = 0.560$ e *U* de Mann-Whitney = 3005.5; $z = -1.248$; $p = 0.212$, respetivamente). O resultado obtido aponta para a não existência de diferenças significativas nos Estilos Educativos percebidos pelos adolescentes em função do género (cf. Tabela 2).

a) c) Estilos Educativos consoante o nível socioeconómico

Tabela 3. Estatísticas do teste *U de Mann-Whitney* para a variável Estilos Educativos Parentais (fatores: Autonomia e Amor)

	Idade	N	Média	Desvio-Padrão	U de Mann-Whitney	Z	P
Autonomia	Baixo	99	54	10.04	2908.5	-1.193	.233
	Médio/Alto	38	56.15	11.67			
Amor	Baixo	99	34.78	5.52	2887	-1.272	.203
	Médio/Alto	38	38	2.51			

Na análise do teste *U de Mann-Whitney* para a variável nível socioeconómico (dois grupos: Baixo e Médio/Alto), ao nível da autonomia e amor verifica-se um nível de significância $p > .05$ (*U de Mann-Whitney* = 2908.5; $z = -1.193$; $p = .233$ e *U de Mann-Whitney* = 2887; $z = 1.272$; $p = .203$, respetivamente). Constatou-se a não existência de diferenças significativas nos Estilos Educativos em função do nível socioeconómico (cf. Tabela 3).

d) Estilos Educativos consoante o estado civil dos pais (Pais casados e não casados)

Tabela 4. Estatísticas do teste *U de Mann-Whitney* para a variável Estilos Educativos Parentais (fatores: Autonomia e Amor)

	Idade	N	Média	Desvio-Padrão	U de Mann-Whitney	Z	P
Autonomia	Casados	142	55.35	9.46	1594	-.657	0.98
	Não casados	28	52.86	8.73			
Amor	Casados	142	35.56	4.90	1663	-1.374	0.17
	Não casados	28	34.50	4.87			

Na análise do teste *U de Mann-Whitney* tendo em conta se os pais são casados ou não casados, ao nível da Autonomia e Amor verifica-se um nível de significância $p > .05$ (*U de Mann-Whitney* = 1594; $z = -.657$; $p = 0.98$ e *U de Mann-Whitney* = 1663; $z = 1.374$; $p = 0.169$, respetivamente). Verificou-se a não existência de diferenças significativas nos Estilos Educativos Parentais tendo em conta se são filhos de pais casados ou não casados (cf. Tabela 4).

Hipótese 3

O tempo de duração da relação amorosa dos adolescentes não apresentou uma associação significativa com os Estilos Educativos Parentais [fator Amor ($r = .011$, $p = .89$ e fator Autonomia ($r = -.019$, $p = .81$)].

Relativamente à Confiança Interpessoal no Par Amoroso, o tempo de duração da relação amorosa dos adolescentes também não apresentou uma associação significativa ($r = .149$, $p = .053$).

Discussão

Bowlby (1973) afirmou nos seus estudos que os Estilos Educativos se relacionavam com a Vinculação aos Pais, sendo, portanto, esperado que, nos adolescentes inquiridos, os fatores Amor e Autonomia da Escala de Estilos Educativos Parentais se associassem positivamente a essa variável. As correlações fortes encontradas entre os fatores da educação parental, Autonomia e Amor, e a Vinculação total materna e paterna, assim como com a Confiança e Comunicação relativas ao pai e à mãe, acentuam a importância de optar pelos estilos educativos mais positivos ao longo do processo de construção progressiva da relação de vinculação, isto é, no estabelecimento de laços gratificantes e significativos, na procura de proximidade e segurança essenciais ao desenvolvimento harmonioso. Dado que nesta primeira análise apenas se descreve a associação entre variáveis (Hipótese 1), sem conclusões relativamente à direccionalidade das relações, também é possível pensar que quanto melhor for a vinculação entre pais e filhos, confiante e comunicativa, mais se tornará possível empreender uma educação positiva, baseada no Amor e Autonomia. Assumindo a ideia de que as relações precoces estabelecidas dentro do contexto familiar, influenciadas pelas opções em termos de estilos parentais, têm um grande impacto na construção de expectativas perante os outros, ajudando a orientar crenças, sentimentos e comportamentos no futuro e em relações fora do contexto familiar (Morgado, Vale Dias, & Paixão, 2013), analisou-se a relação entre os Estilos Educativos Parentais e a Vinculação aos Pais e Par Amoroso, sendo que os resultados comprovam a existência de associações esperadas, na sua maioria, com uma magnitude moderada. Assim, os resultados corroboram estudos anteriores que referem o estilo autoritativo como mais associado a níveis mais elevados de confiança (Hidalgo & Palacios, 2004), cooperação e amizade (Conboy, 2008) e aptidões sociais (Steinberg & Silk, 2002). Relativamente à Vinculação ao Par Amoroso, verificou-se que o Amor e a Autonomia percebidos pelos adolescentes possuem uma associação significativa positiva moderada com a dimensão Confiança no Par Amoroso, indo este resultado no sentido sugerido pela literatura, pois a estilos parentais percebidos com valores mais altos naqueles fatores corresponde o estilo autoritativo, o mais favorável para o desenvolvimento do sujeito (Barros de Oliveira, 1994), incluindo a segurança e, assim, a confiança nas relações. Por outro lado, o Amor apresenta uma associação significativa negativa fraca com a dimensão Ambivalência, isto é, quando um aumenta a outra baixa e vice-versa. Este resultado encontra-se de

acordo com o que seria de esperar, pois estilos parentais que se caracterizem pelo afeto positivo estarão relacionados com maior segurança, melhor resiliência (Vale Dias & Maia, 2017) e trajetórias mais equilibradas, o que poderá traduzir-se em menor ambivalência nas relações.

Tendo como referência a literatura esperava-se que os Estilos Educativos variassem tendo em conta as variáveis indicadas. Considerando os fatores que constituem a Escala de Estilos Educativos Parentais, o resultado que despertava um maior interesse na sua análise dizia respeito à Autonomia. Assim, o presente estudo indicou que existem diferenças significativas no Amor e na Autonomia em diferentes faixas etárias. Os resultados indicam que os adolescentes percebem menos Amor e menos Autonomia com a idade. Os resultados levantam a questão de que tal poderá ser um reflexo das transformações que ocorrem durante este período. Nesta fase de desenvolvimento, na busca da sua identidade e reorganização das relações, os adolescentes passam por vários momentos de instabilidade, insegurança e angústia, sentindo-se muitas vezes confusos, injustiçados e incompreendidos pelos pais (Pratta & Santos, 2007). Para alguns autores, estas transformações vivenciadas na adolescência são fundamentais para o desenvolvimento psicológico dos indivíduos (Drummond & Drummond Filho, 1998). A literatura relativamente à autonomia na adolescência não é abundante nem convergente nos resultados. Também nesta temática se pode refletir sobre o comportamento dos pais. Perante as diversas reações dos adolescentes, os pais poderão reagir de diversas formas, tendo em conta o temperamento do filho, a relação conjugal do casal ou ainda o contexto que rodeia os adolescentes (Barros de Oliveira, 1994). A ansiedade que os pais sentem perante o crescimento dos filhos pode levá-los a diminuir a autonomia, tentando mantê-los perto de si e em casa (Barros de Oliveira, 1994), podendo este comportamento explicar os resultados obtidos. Relativamente ao género, os resultados não foram significativos, não havendo diferenças entre os sexos na percepção de Amor e Autonomia. Nos estudos relativos à validação da Escala de Estilos Educativos Parentais (Barros de Oliveira, 1994), era indicado que nos alunos do ensino secundário existiam diferenças significativas na autonomia percebida em função do género, com os rapazes a perceberem mais autonomia do que as raparigas (Barros de Oliveira, 1994). No entanto, é necessário ter em consideração que a validação deste instrumento já foi feita há vários anos. No que concerne ao nível socioeconómico, também não foram verificadas diferenças significativas. Em maior detalhe, verifica-se que nos valores médios de ambos os grupos o nível socioeconómico médio/alto apresenta valores de amor e autonomia mais elevados, apesar de não significativos, o que vai ao encontro do que foi referido na fundamentação teórica. Relativamente ao estado civil dos pais (casados ou não casados) também não são observadas diferenças significativas, mas aqui também se verifica uma grande discrepância no total de cada subgrupo. O facto de o estado civil não se revelar importante, leva-

-nos a considerar que o mais relevante será a qualidade da relação estabelecida entre pais e filhos e não o estado civil, tal como anteriormente tem sido salientado pela literatura (por ex., Morgado, Vale Dias e Paixão, 2013).

Por último, no seguimento dos resultados da hipótese 1, que constatou que os Estilos Educativos se correlacionam significativamente com a Vinculação Amorosa, a investigação procurou explorar se o tempo da relação amorosa se associava aos Estilos Educativos e à Confiança Interpessoal no Par Amoroso. No entanto, os resultados não indicam valores significativos entre o tempo da relação, o Amor e a Autonomia, pelo que não é possível obter conclusões consonantes com o sentido sugerido a partir de alguns autores. Segundo Furman e Buhrmester (1992), na adolescência as relações são caracterizadas por níveis crescentes de intimidade e de maior confiança (Rotenberg et al., 2010). As relações mais duradouras estão associadas a níveis de confiança mais elevados (Matos, 2006). Os resultados também não revelam uma associação significativa entre o tempo da relação e a confiança interpessoal no Par Amoroso.

Conclusão

Os resultados evidenciam a importância da família e das suas práticas educativas nas relações que os adolescentes estabelecem quer com os pais, quer com os outros significativos que os rodeiam, entre eles os pares e o par amoroso (Bowlby, 1979). Neste sentido, realçam a importância da formação parental, a qual pode ocorrer em diversos contextos, nomeadamente, escolar ou comunitário. A intervenção junto dos pais poderá prevenir diversos problemas experienciados pelos filhos, nomeadamente problemas emocionais ou comportamentos desviantes, decorrentes de processos menos positivos de educação parental e, consequentemente, de relações de vinculação menos ajustadas. Em estudos futuros seria relevante explorar novas variáveis, como por exemplo a personalidade, e considerar a inclusão de instrumentos relacionados com a desejabilidade social. Outra investigação interessante seria comparar estes resultados com os obtidos a partir da perceção dos progenitores relativamente aos Estilos Educativos, isto é, realizar a mesma investigação, mas tendo em estudo também os Estilos Educativos percebidos pela figura materna e paterna. Por último, seria de interesse realizar um estudo longitudinal, que possibilitasse comparar resultados obtidos durante a adolescência e mais tarde, por exemplo, na adultez emergente.

Referências

Ainsworth, M. D. S., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to per-

sonality development. *American Psychologist*, 46, 331-341. DOI: 10.1037/0003-066X.46.4.333.

Armsden, G. C., & Greenberg, M. T. (1987). The Inventory of Parent and Peer Attachment: Individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16, 427-453. DOI: 10.1007/BF02202939.

Atger, F. (2004). Vinculação e Adolescência. In N. Guedeney e A. Guedeney(eds), *Vinculação: Conceitos e aplicações* (pp. 147-156). Lisboa: Climepsi Editores.

Barros de Oliveira, J. H. (1994). *Psicologia da Educação Familiar*. Coimbra: Almedina.

Barros, J. (1996). Educação dos adultos-pais: estilos educativos parentais Educação de adultos em Portugal - Situação e Perspectivas (Actas) (pp. 307-320). Universidade de Coimbra.

Baumrind, D. (2005). Patterns of parental authority and adolescent autonomy. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 108, 61-69. DOI:10.1002/cd.128.

Bayle, F. (2008). A Parentalidade. In F. Bayle e S. Martinet (Eds.). *Perturbações da Parentalidade* (pp.25-42). Lisboa: Climepsi Editores.

Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss, Vol. 1: Attachment*. New York: Basic Books.

Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss, Vol. 2: Separation, anxiety and anger*. NY: Basic Books.

Conboy, J. (2008). Parentalidade e educação. In F. Bayle e S. Martinet (Eds.). *Perturbações da Parentalidade* (pp.301-312). Lisboa: Climepsi Editores.

Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting Style as Context: An Integrative Model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487-496. DOI: 10.1037/0033-2909.113.3.487.

Drummond, M., & Drummond Filho, H. (1998). *Drogas: a busca de respostas*. São Paulo: Loyola.

Erikson, E. H. (1963). *Childhood and society*. New York: Norton.
Hazan, C., & Zeifman, D. (1994). Sex and the psychological tether. In K. Bartholomew & D. Perlman(eds), *Advances in personal relationships* (Vol.5, pp 151-180). London: Jessica Kingsley.

Hidalgo, V., & Palacios, J. (2004). Desenvolvimento da personalidade entre os dois e os seis anos. In C. Coll, Á. Marchesi, J. Palacios, & col. (Eds.). *Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia Evolutiva* (2nd ed) (pp.181-198). Porto Alegre: Artmed.

Jongenelen, I., Carvalho, M., Mendes, T., & Soares, I. (2009). Vinculação na Adolescência. In I. Soares (eds), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (pp.101-120). Braga: Psiquilíbrios Edições.

Matos, P. M., Cabral, J., & Costa, M. E. (2008). *Questionário de vinculação amo-*

rosa: *Versão breve*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Psic. e C. da Ed.. Porto: Univ. do Porto.

Mondin, E. M. C. (2008). Práticas educativas parentais e seus efeitos na criação dos filhos. *Psicologia Argumento*, 26(54), 233-244.

Morgado, A. M., Vale Dias, M.L., & Paixão, M. P. (2013). O desenvolvimento da socialização e o papel da família. *Análise Psicológica*, 31(2), 129-144.

Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. D. (2007). Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em estudo*, 12(2), 247-256.

Neves, L., Soares, I., Silva, & M. C. (1999). Inventário da Vinculação na Adolescência (IPPA). In M. R. Simões, M. M. Gonçalves, L. S. Almeida (Eds.). *Testes e provas psicológicas em Portugal*, vol. 2 (pp. 37 – 48). Braga: APPORT/ SHO.

Randall, B. A., Rotenberg, K. J., Totenhagen, C. J., Rock, M., & Harmon, C. (2010). A new scale for the assessment of adolescents' trust beliefs. In K. J. Rotenberg. *Interpersonal Trust During Childhood and Adolescence* (pp. 247-269). New York: Cambridge University Press.

Relvas, A.P (1982). A família: introdução ao seu estudo numa perspetiva sistémica. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, ano XVI, 307-321.

Rotenberg, K. J. (2010). The conceptualization of interpersonal trust: A basis, domain, and target framework. In: K. J. Rotenberg (ed). *Interpersonal Trust During Childhood and Adolescence* (pp. 8-27). New York: Cambridge University Press.

Scharf, M., & Mayseless, O. (2007). Putting eggs in more than one basket: A new look at developmental process of attachment in adolescence. *New Directions for Child and Adolescent*, 117, 1-22.

Simpson, J.A.(2007). Psychological Foundations of Trust. *Curr. Dir. in Psych. Science*, 16(5), 264-268.

Soares, D. L., & Almeida, L. S. (2011). Percepção dos estilos educativos parentais: sua variação ao longo da adolescência. In *Libro de Actas del XI Congreso Internacional Galego-Portugués de Psicopedagogía*. (pp. 4071- 4083). À Coruña: Universidade da Coruña.

Steinberg, L., & Silk, J. (2002). Parenting Adolescents. In M. H. Bornstein (Ed.). *Handbook of Parenting*, vol.1 (2nd ed.) (103-126). London: Lawrence Erlbaum Associates.

Vale Dias, M. L., & Maia, A. (2017). Adolescents' resilience and academic achievement in professional schools and parental attitudes. *The European Proceedings of Social & Behavioural Sciences*, 145-160. DOI: 10.15405/epsbs.2017.02.13.

Vale Dias, M. L., Martinho, L., Franco-Borges, G., & Vaz-Rebello, P. (2012). Estilos educativos parentais e comportamento antissocial na adolescência. *IN-FAD, International Journal of Developmental and Educational Psychology*, XXIV, 1, 469-478.